

ARQUEOLOGIA

E longamente envelheças

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO ARQUEÓLOGO

Não chega à dezena o número de inscrições romanas em verso achadas no território actualmente português. A que seus pais dedicaram à filha Nice, falecida aos 20 anos, constitui seguramente uma das mais ternas manifestações que nos chegou.

Confesso que me tocou fundo a sua mensagem, mormente quando li que os pais de Nice, Ínaco e Io de seus nomes, lhe haviam atribuído o voto: “Que longamente envelheças nesta vida de que me não foi permitido desfrutar”.

Partira aos 20 anos; imensa fora a dor de seus pais, assim consubstanciada em longo poema; do lado de lá, ao lermos o epitáfio, vem esse doce voto de uma velhice longa e serena. Que mais poderá um sobrevivente desejar? E Nice no-lo deseja!

Trata-se de um bloco paralelepípedo, de mármore de Pardais, branco com manchas creme, cuja forma original se desconhece, por nos ter chegado após desbastado e maltratado para reutilização numa construção. Pode ter sido um altar com capitel trabalhado e, eventualmente, até, alguma decoração lateral. Também a face onde a inscrição foi gravada está danificada em vários pontos, de modo que a leitura oferece dúvidas.

Tem-se a informação de que apareceu no rossio de Beja, no ano de 1794, certamente por ocasião de demolições aí levadas a efeito. O bispo frei Manuel do Cenáculo teve conhecimento da descoberta e diligenciou no sentido de a pedra ser recolhida no palácio episcopal. Aí se manteve, aparentemente sem grande resguardo, porque o epigrafista alemão Emílio Hübner, quando passou por Beja em 1861, escreveu “Aí jaz no chão”, expressão que dá a entender não ter havido o cuidado que dá a importância do monumento merecia.

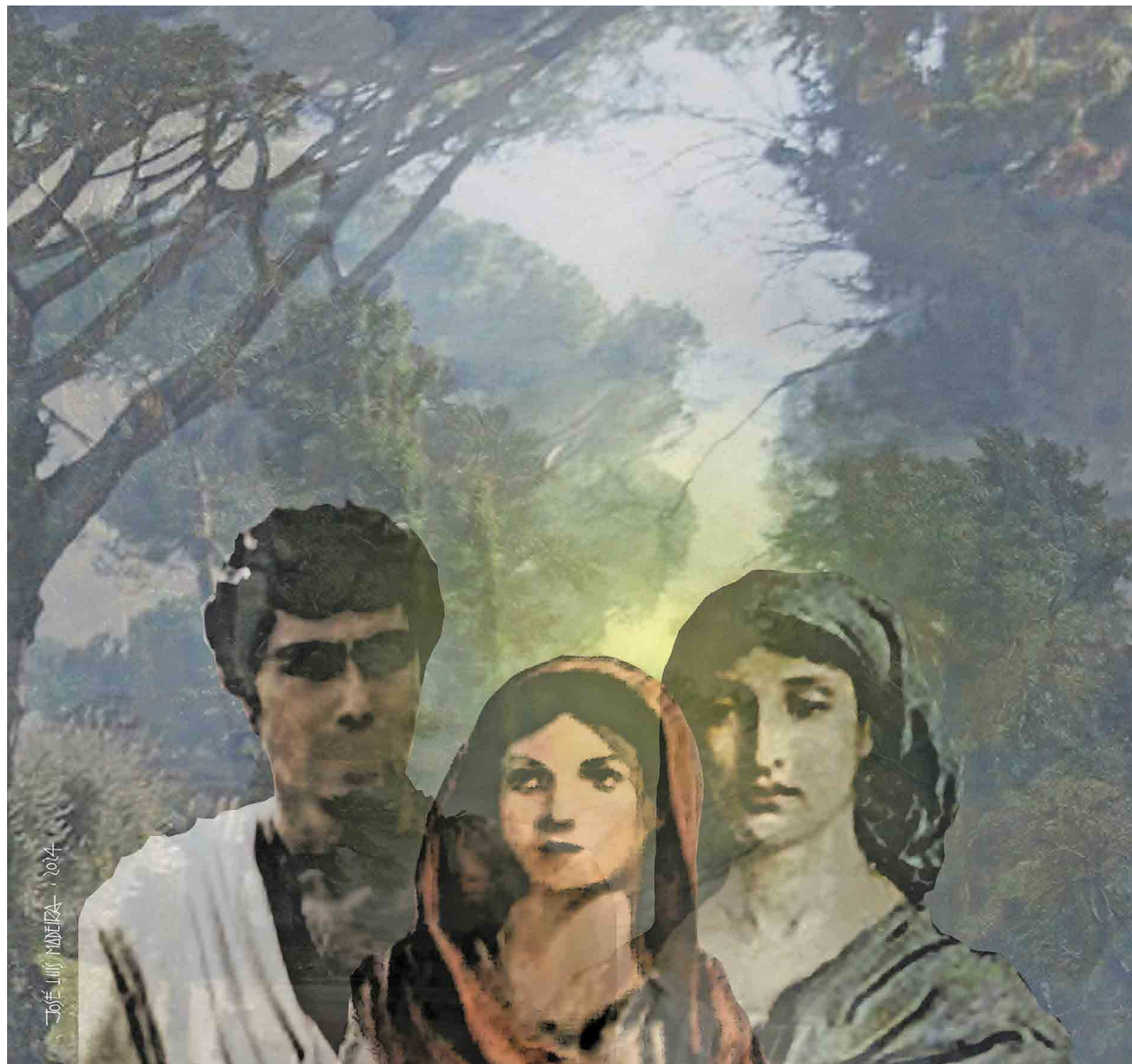
Quando foi para Évora, o bispo fez questão de a levar de modo que há notícia que íntegra, desde 1868, o espólio do museu de Évora, actual Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, onde lhe foi dado o n.º de inventário 1827.

Mede 75 centímetros de altura, 54 de largura e 36 de espessura.

UMA LEITURA DIFÍCIL De um modo geral, os textos poéticos não são nem de leitura nem de interpretação fácil. Neste caso, o mau estado da pedra tem levado a que muitos autores hajam feito propostas de interpretação, ainda que, amiúde, se trate de pormenores, não enfeitando o sentido geral do poema, redigido em versos líricos hendecassílabos, forma própria para composições de índole funerária, criada pelo poeta latino Marcial.

O próprio Cenáculo terá pedido ajuda a frei Lourenço do Vale para uma primeira leitura, que foi transcrita pelo prior de Setúbal, Manuel da Gama Xaro, versão que Abel Viana deu a conhecer no “O Arquivo de Beja IX” (1952, p. 17).

O citado Hübner teve oportunidade de ver a pedra, como se disse, e incorporou o seu texto, com o n.º 59, no volume II do conhecido **Corpus Inscriptionum Latinarum**, (Corpo das Inscrições Latinas) de Hispânia, em 1869. Logo aí, porém, dá conta das dificuldades de leitura, citando amiúde a opinião



do seu colega, o filólogo Moritz Haupt.

Borges de Figueiredo enviou posteriormente a Hübner um decalque, que serviu para – tendo consultado também o seu colega Theodor Mommsen – Hübner apresentar, sob o n.º 5186 no suplemento ao referido **Corpus**, publicado em 1892, uma versão melhorada. Curioso verificar que lhe atribuiu um novo número, como que dando a entender que não valia muito o que publicara em 1869. E como, por outro lado, quisera saber a opinião de Franz Buecheler, que estava a preparar, na altura, a antologia **Carmina Latina Epigraphica**, reunião de todos os poemas identificados em monumentos epigráficos, optou por dar aí a sua versão definitiva do epitáfio: “Por isso, achou-se por bem repetir aqui o poema na íntegra”. Buecheler publicará o poema em 1897 (volume II, n.º 1553, p. 748-749).

Naturalmente, quem viria a debruçar-se sobre o recheio do museu de Évora não esquecerá essa pedra:

– António Francisco Barata, **Catálogo do Museu Archeologico da Cidade de Evora**, 1903, p. 73, n.º 189;

– Gabriel Pereira, **Estudos Eborenses I**, 1916, p. 18;

– Túlio Espanca, **Inventário Artístico de Portugal, vol. VII – Concelho de Évora**, 1966, p. 122.

E o próprio Abel Viana voltou a referir-se ao monumento no volume XIII (1956, p. 114-115) do “O Arquivo de Beja”.

...

Não se dirá que se pôs ponto final na discussão; contudo, terá sido quase decisivo o contributo de Maria José Pena e de Joan Carbonell, investigadores da Universidade Autónoma de Barcelona, especialistas em poesia latina, que, sob o título “Un interesante carmen epigraphicum de Pax Iulia (Portugal)” [“Revista Portuguesa de Arqueologia” 9/2, 2006, p. 259-270], analisaram exaustivamente esta epígrafe. E a sua versão praticamente coincide com a interpretação que, com alguma liberdade, se sugerira em 1984, nas **Inscrições Romanas do Conventus Pacensis** (n.º 270).

“Quem quer que tu sejas, viandante, que passares por mim, neste lugar sepultada, se de mim tiveres pena – depois de teres lido que faleci no 20º ano de vida – e se o meu repouso te sensibilizar, rogarei que, fatigado, tenhas mais doce descanso, mais tempo vivas e longamente envelheças nesta vida de



que me não foi lícito desfrutar. Chorar, de nada te serve. Porque não aproveita os anos?

Ínaco e Io mandaram fazer para mim.

Vai, é preferível. Apressa-te, agora que já leste o que tinhas para ler. Vai.

Nice viveu vinte anos”.

Eloquente expressão da dor dos pais, na vontade de quererem manter a memória da sua Nice no seio dos vivos.